



REPORTAGEM DA EXPOMOR – A MAIOR FEIRA NACIONAL DE PECUÁRIA EXTENSIVA



WWW.APORMOR.PT

MONTE-MOR-O-NOVO CAPITAL NACIONAL
DA PECUÁRIA EXTENSIVA



A parceria entre a APORMOR e o Município de Montemor-o-Novo na organização da Feira Da Luz-EXPOMOR foi uma vez mais um sucesso

APORMOR e Município de Montemor-o-Novo unidos na construção do maior evento nacional de Pecuária Extensiva

A Feira da Luz – EXPOMOR reuniu milhares de pessoas em Montemor-o-Novo, a Capital Nacional da Pecuária Extensiva, de 28 de agosto a 2 de setembro, no Parque de Leilões/Exposições.

O programa da feira incluiu 10 concursos das principais raças de bovinos, ovinos e suínos, três leilões de bovinos, o XIII Concurso Nacional do Presunto, debates sobre agricultura e pecuária, uma tarde dedicada às crianças e jovens pelo mundo rural, música e animação.

“O balanço da EXPOMOR é excelente, tivemos cerca de 1000 animais em exposição, de 120 criadores, mesmo num contexto de redução dos efetivos de bovinos, ovinos e suínos no extensivo”, afirma o Presidente da APORMOR, Joaquim Capoulas.

O Presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, Olímpio Galvão, considera que “a Feira da Luz – EXPOMOR foi um sucesso, elogiada por quem nos visitou, oriundo de vários pontos do país e até de Espanha, é um centro de negócio da pecuária extensiva importantíssimo para a região e o nosso país”.

A parceria entre a APORMOR e o Município de Monte-

mor-o-Novo na organização da feira foi uma vez mais um sucesso. “É essencial estarmos de mãos dadas, o Município e a APORMOR, para que seja um sucesso nestes 6 dias de feira e nos restantes 359 dias do ano”, reforçou Olímpio Galvão.

A presença de altos dirigentes do Ministério da Agricultura, entre os quais o Secretário de Estado da Agricultura, João Moura, e a Diretora Geral de Alimentação e Veterinária, Susana Pombo, e do próprio Ministro da Defesa Nacional, Nuno Melo, na Feira da Luz – EXPOMOR atestam a importância deste evento único no país.

“A visita do Secretário de Estado da Agricultura muito nos honrou, acreditamos que está consciente do caminho a percorrer para que a agricultura volte a ter a importância económica que já teve”, afirma o Presidente da APORMOR, que aguarda com elevada expectativa a revisão do PEPAC, em concreto uma medida de apoio à pecuária extensiva para impedir que os efetivos continuem a descer e os agricultores abandonem o território. A proposta foi apresentada pela CAP- Confederação dos Agricultores de Portugal e está a ser analisada pelo Ministério da Agricultura.

Pecuária Extensiva – o Montado como ecossistema natural, o mercado e a sanidade

O Colóquio organizado pela APORMOR no dia 31 de agosto revelou as oportunidades da Lei do Restauo da Natureza, as ameaças do Regulamento Anti Desflorestação e alertou para a importância da sanidade dos ruminantes no acesso aos mercados de exportação.

O presidente da APORMOR abriu a sessão referindo que o consumo de carne de bovino (21,7 kg/habitante/ano) e de aves (47,2 kg/habitante/ano) em Portugal aumentou nos últimos anos. Um sinal positivo num setor que enfrenta múltiplos desafios.

O primeiro painel, sobre 'Proteção e Restauo da Natureza', contou com a moderação assertiva de Pedro Lynce, professor emérito do Instituto Superior de Agronomia e empresário agrícola.

A Lei do Restauo da Natureza, que entrou em vigor no passado mês de agosto, poderá vir a ser uma oportunidade para alavancar o apoio à regeneração do sistema agro silvo pastoril do Montado com rendimento para os produtores, afirmou José Calado, diretor regional Alentejo do ICNF – Instituto de Conservação da Natureza e Florestas.

tejo do ICNF – Instituto de Conservação da Natureza e Florestas.

“Não há melhor sistema do que o Montado para produzir alimentos e fornecer serviços de ecossistemas, entre outros, emite oxigénio, fixa dióxido de carbono no solo e contribui para a redução do risco de incêndio”, reconheceu o dirigente.

Recorde-se que o Montado de sobro e de azinho ocupa 1 milhão de hectares no Alentejo, ou seja, cerca de 1/3 do seu território.

A nova legislação europeia impõe como meta restaurar pelo menos 20% das florestas e mares até 2030, e os Estados-membros têm dois anos para apresentar projetos à Comissão Europeia.



Sessão de encerramento com a participação do Presidente da CAP, do Secretário de Estado da Agricultura, do presidente da APORMOR e do Presidente da Câmara Municipal de Montemor-o Novo



'Proteção e Restauro da Natureza' analisados por Pedro Lynce, professor jubilado do ISA, Jaime Piçarra, secretário-geral da IACA, e José Calado, diretor regional Alentejo no ICNF

O Fundo Ambiental poderá vir a ser uma fonte de financiamento para as medidas de restauro da natureza, defendeu Luís Mira, secretário-geral da CAP – Confederação dos Agricultores de Portugal. Recorde-se que em 2024 o orçamento do Fundo Ambiental é de 1,8 mil milhões de euros.

Lei Anti Desflorestação pode aumentar custo das rações

O momento atual é de preocupação com o novo Regulamento Anti Desflorestação da União Europeia (EUDR), de 31 de maio de 2023, e que visa impedir as importações da UE de certas mercadorias e derivados, como a carne de bovino, a soja, o café, a borracha, a madeira, o cacau, o carvão vegetal, o óleo de palma e produtos de papel impresso que causem desflorestação nos países exportadores.

Jaime Piçarra, secretário-geral da IACA – Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais, levou o tema a debate explicando que esta legislação será aplicável em Portugal e em toda a União Europeia a partir de janeiro 2025 e alertou que poderá representar *“um aumento de 25 a 30 milhões de euros no custo das rações, que inevitavelmente será transmitido ao longo da cadeia agropecuária e alimentar”*.

A legislação estabelece que, para além de ser aplicável no mercado interno, os exportadores de países terceiros que queiram colocar os seus produtos na UE tenham de cumprir uma série de procedimentos complexos de verificação para comprovar que a sua produção não provém de áreas desflorestadas depois de 2020.

No caso da soja, matéria-prima base nas rações para animais, de acordo com fontes do mercado, só será possível certificar 6 a 8 milhões de toneladas, o que é insuficiente para as necessidades da indústria europeia

de rações. *“As ONGs estão a pressionar-nos, mas nós consideramos que esta legislação não resolve, por si só, o problema da desflorestação. Por outro lado, o consumo da UE esteve na origem de apenas 10% da desflorestação global entre 1990 e 2020; temos de olhar para os restantes 90%, com medidas à escala global”*, explicou o secretário-geral da IACA.

Entretanto, o Brasil já pediu à Comissão Europeia a suspensão da lei anti desflorestação e uma revisão da abordagem punitiva aos produtores e deu à União Europeia um prazo até 1 de outubro para responder ao seu pedido de suspensão. O Brasil fornece 4,9 milhões de toneladas de soja à UE, representando 41,6% das compras totais de soja da UE.

O Ministro da Agricultura, José Manuel Fernandes, já levantou esta questão junto do Conselho Agricultura e Pescas da UE, e disse em recentes declarações à imprensa que *“é necessário que se reveja este regulamento não impondo uma burocracia que leve ao aumento de preços e que leve inclusivamente a conflitos desta natureza”*.

O mercado dos ruminantes e a sua sanidade

O painel sobre 'O mercado dos ruminantes e a sua sa-

JÁ HÁ VACINA CONTRA A DHE

Já está disponível em Portugal uma vacina contra o Vírus da Doença Hemorrágica Epizootica Bovina (DHE), da marca HEPIZOVAC, desenvolvida em Espanha.

Para mais informações sobre a vacina consulte este link: <https://medvet.dgav.pt/products/01-01-24-aumvpt-hepizovac-suspensao-injetavel-para-bovinos-12044>

nidade' foi moderado por Isabel Mariano, médica veterinária e diretora do Laboratório Veterinário de Montemor-o-Novo.

A Diretora Geral de Alimentação e Veterinária, Susana Guedes Pombo, revelou que atualmente existem apenas três mercados abertos para a exportação de ruminantes vivos a partir de Portugal, comparativamente com os 15 mercados que estavam abertos até 2023.

"A deteção da Doença Hemorrágica Epizootica Bovina (DHE) no nosso país, a partir de novembro 2022, foi a principal responsável pelo encerramento dos mercados internacionais", afirmou a responsável máxima da DGAV, alertando que: "o impacto financeiro é brutal de cada vez que é detetada uma doença, porque os países importadores imediatamente fecham as suas fronteiras, daí a importância de cumprimos com todas as medidas de biossegurança nas explorações pecuárias".

Recorde-se que 2022 foi o melhor ano de exportação de animais vivos de Portugal para Israel – 150 mil bovinos e 450 mil ovinos – antes do encerramento das fronteiras israelitas aos animais portugueses devido à DHE.

Ricardo Bexiga, professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa, apresentou as principais medidas de biossegurança a adotar em efetivos bovinos (ver artigo nas páginas seguintes) e alertou que a responsabilidade é de cada um de nós em matéria de sanidade animal.

O também médico veterinário recordou que, por exemplo, a tuberculose continua a ser um problema em Portugal, com 4661 casos de bovinos positivos detetados em 59 explorações só no Alentejo, no ano 2020. E alertou para a importância de testar os animais com vista a despistar doenças como a Rinotraqueíte Infeciosa Bovina (IBR) e a Diarreia Viral Bovina (BVD) e de os vacinar contra estas, e outras, doenças: *"no caso do IBR há a hipótese de um animal seronegativo estar a excretar o vírus, é a infeção latente, trata-se de um vírus herpes e quando o*

animal entra em stress a doença pode revelar-se (...) e no caso do BVD podem passar 5 anos até que o animal apresente sintomas da doença, pelo que é fundamental testar os animais e mantê-los em quarentena quando se compram novos lotes".

Helder Quintas, médico veterinário e investigador do CIMO – Centro de Investigação de Montanha do Instituto Politécnico de Bragança, apresentou os desafios das doenças emergentes em pequenos ruminantes.

Na sessão de encerramento, o presidente da CAP, Álvaro Mendonça e Moura, congratulou a APORMOR pelo *"trabalho único e pioneiro"* no apoio aos produtores pecuários seus associados, nomeadamente, na melhoria genética dos bovinos.

Revisão do PEPAC urge

A principal preocupação do presidente da CAP neste momento prende-se com a revisão do PEPAC. *"O acordo que a CAP assinou na concertação social previa a criação de novas medidas agroambientais no PEPAC para a pecuária extensiva e a agricultura de precisão, além do aumento do rendimento dos agricultores, este é o ponto-chave. Sem isso o acordo não fica cumprido"*, alertou o dirigente. O Gabinete de Planeamento e Políticas do Ministério da Agricultura apresentou mais de 100 alterações ao PEPAC na sua proposta de revisão, em análise na Comissão Europeia, que deverá pronunciar-se até final de 2024.

O Secretário de Estado da Agricultura, João Moura, participou na sessão de encerramento do Colóquio onde garantiu *"queremos incrementar o benefício do agricultor e vamos mais além do que nos está a pedir o sr. presidente da CAP"* (leia a entrevista nas páginas seguintes). O presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, Olímpio Galvão, reafirmou a relevância da parceria da autarquia com a APORMOR, pelo importante contributo desta associação para a economia do concelho.



'O mercado dos ruminantes e a sua sanidade' foi o tema debatido por Susana Guedes Pombo, diretora geral da DGAV, Ricardo Bexiga, professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa, Helder Quintas, médico veterinário e investigador do CIMO – Instituto Politécnico de Bragança e Isabel Mariano, médica veterinária e diretora do Laboratório Veterinário de Montemor-o-Novo



APORMOR

Associação de Produtores do Mundo Rural
da Região de Montemor-o-Novo



Secretário de Estado da Agricultura, João Moura (ao centro), na EXPOMOR, na companhia da Direção da APORMOR, do presidente e o secretário-geral da CAP e da deputada social democrata Sónia Ramos

«Vamos potenciar muito o extensivo»

O Secretário de Estado da Agricultura, João Moura, participou na EXPOMOR e prometeu apoiar o extensivo e a pastorícia.

O Ministério vai ou não reverter a extinção das Direções Regionais de Agricultura?

João Moura: Há um compromisso do Governo, pretendemos fazer essa reversão de forma gradual e não queremos perder em aspeto nenhum as competências do Ministério da Agricultura. A forma como foi feita a passagem das DRAPs para as CCRDs foi dramática. Uma estrutura que tinha braços em todo o território nacional hoje está absorvida por outras estruturas, chefiadas e tarefas. Reabsorver isto tudo de uma forma direta não é fácil.

Vai haver mais dinheiro no Orçamento do Estado para investir no Ministério da Agricultura em 2025?

Há uma tarefa muito árdua que temos de fazer, os nossos serviços do Ministério da Agricultura têm de sofrer uma reorganização. Estamos com um espírito muito reformista. Há serviços do Ministério que estão a desempenhar as mesmas tarefas de forma desnecessária, a duplicação de procedimentos e pareceres tem de deixar de acontecer.

Mas como sabe, há serviços do Ministério que nem verbas têm para o funcionamento das viaturas ...

Sim é verdade, há uma carência muito grande, o parque automóvel do Ministério da Agricultura está completamente obsoleto. Renová-lo está dentro do quadro das nossas ambições.

O orçamento do Ministério da Agricultura será aumentado em 2025?

Um dos problemas do setor da agricultura é que nos últimos anos quando surgiam problemas mandava-se dinheiro para cima dos problemas e nem sempre a solução está no dinheiro, está na reorganização e na definição da estratégia.

Na revisão do PEPAC o que está previsto em termos de medidas agroambientais para a pecuária extensiva?

No âmbito da revisão do PEPAC ainda estamos a receber propostas e a auscultar as organizações de produtores e as confederações. Acreditamos muito na valorização dos territórios através da pastorícia. Os prados e as pastagens promovem a descarbonização, por isso temos de incentivá-los. Vamos potenciar muito o extensivo, a pastorícia, seja através da criação de novas instalações, de vedações, até de pequenas queijarias.

Na Lei do Restauro da Natureza, quais são as oportunidades para o Montado?

No Ministério da Agricultura vamos estar muito atentos a todas as medidas na Lei do Restauro da Natureza que digam diretamente respeito à agricultura e temos da parte do Ministério do Ambiente total receptividade para acolher as nossas sugestões.

Nova Lei Anti Desflorestação trará mais carga burocrática para os produtores de bovinos

A indústria de rações pede o adiamento da entrada em vigor da nova lei anti desflorestação da UE, prevista para 2025. Jaime Piçarra, secretário-geral da IACA-Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais, teme o aumento do preço da soja e alerta para a carga burocrática que trará aos produtores de bovinos.



“É óbvio que se devem tomar medidas para travar a desflorestação, mas não de forma unilateral”, afirma Jaime Piçarra, secretário-geral da IACA

O que são e como surgiram as Cadeias de Fornecimento Livres de Desflorestação?

Jaime Piçarra: As Cadeias de Fornecimento Livres de Desflorestação surgiram na sequência de uma iniciativa legislativa da Comissão Europeia (CE) relacionada com a preocupação em travar a desflorestação a nível mundial. Segundo a FAO, foram destruídos em todo o mundo cerca de 420 milhões de hectares de floresta, entre 1990 e 2020. Cerca de 90% da área desflorestada do planeta é devido à expansão da agricultura e cerca de 40% devido ao pastoreio de gado. Foi neste enquadramento, e aproveitando a Conferência do Clima, que a UE informou os líderes mundiais de que iria avançar na proteção das florestas de uma forma unilateral. O Regulamento Anti Desflorestação da União Europeia (EUDR) foi publicado em maio de 2023.

Qual é a quota parte de responsabilidade da União Europeia na desflorestação mundial?

O consumo da União foi responsável por 10% da desflorestação a nível mundial associada à produção de bens ou à prestação de serviços, entre 1990 e 2008, segundo dados da CE.

É óbvio que se devem tomar medidas para travar a desflorestação, mas não de forma unilateral. É preciso dialogar com os decisores políticos dos países que exportam para UE, porque a Europa é deficitária em algumas ma-

térias-primas chave, nomeadamente a soja, que é uma fonte de proteína muito importante para a pecuária.

E qual é a reação dos países exportadores de fora da UE a esta legislação?

Só começou a ser discutida alguma aproximação aos países exportadores quando eles fizeram sentir à UE que não estão disponíveis para mudar as suas legislações nacionais sem mais. Por exemplo, o Brasil, no seu Cadastro Ambiental Rural, reconhece o direito à desflorestação para determinados solos.

Quais são as outras matérias-primas envolvidas neste Regulamento?

Além da soja, o café, o cacau, a borracha, a madeira, o óleo de palma e os bovinos. Mas neste momento há uma tentativa de incluir também o milho e os suínos no Regulamento quando for possível rever esta legislação, que ainda nem sequer foi aplicada, só entra em vigor a 1 de janeiro de 2025.

O que vai acontecer na prática?

Está a ser criada uma plataforma para o operador colocar as Declarações de Diligência Devida, que atestam que a matéria-prima é proveniente de uma zona não desflorestada desde 2020. No caso da soja será obrigatório atestar a origem através de um mecanismo de geolocalização e rastreabilidade, seja de grandes ou pequenas parcelas. Corremos o risco de haver uma mistura de zonas desflorestadas e não desflorestadas. No caso dos bovinos esta declaração acompanhará o bovino ao longo da cadeia alimentar, desde o matadouro até ao consumidor final.

Para a pecuária extensiva em Portugal não parece ser um problema... não há desflorestação...

Em Portugal, o produtor de bovinos vai ter de atestar à DGAV e ao IFAP que as áreas onde produz não foram objeto de desflorestação. É mais uma carga burocrática, quando estamos a pressionar a CE para uma simplificação de procedimentos.



10 Práticas de Biossegurança para proteger a saúde dos seus ruminantes

A biossegurança é o conjunto de práticas de manejo que reduzem as oportunidades de agentes infecciosos entrarem ou se disseminarem num efetivo pecuário. A biossegurança inclui duas grandes áreas temáticas:

- A bioexclusão, práticas de manejo que reduzem o risco de doenças infecciosas entrarem no efetivo, como por exemplo a testagem para a presença de certas doenças infecciosas em animais que um produtor está a considerar adquirir.
- A biocontenção, práticas de manejo que reduzem a transmissão de doenças infecciosas entre animais do mesmo efetivo, como por exemplo a utilização de inseminação artificial para diminuir a transmissão de uma doença que possa ser transmitida de forma venérea.

As várias práticas que ocorrem no manejo de uma vacada não representam todas o mesmo risco de entrada de agentes infecciosos num efetivo animal. A compra de animais por exemplo, representa geralmente um risco

elevado quando comparado com o que pode acontecer por exemplo, quando temos visitantes ao nosso efetivo ou quando utilizamos colostro proveniente de uma vacaria leiteira de um vizinho, mas todas essas práticas têm o potencial de entrada de agentes infecciosos no nosso efetivo.

Existem vários níveis que podemos considerar para a biossegurança. A **nível nacional** tenta-se que as doenças infecciosas de que Portugal está livre, não entrem no país porque essa entrada tem geralmente efeitos negativos em larga escala. Basta pensarmos no surto de febre aftosa que afetou o Reino Unido em 2001, em que mais de 6 milhões de animais tiveram de ser abatidos, e que se traduziram num custo económico que superou os 9 biliões de euros. Mais



Dr. Ricardo Bexiga,
Faculdade de
Medicina Veterinária,
Universidade de
Lisboa | Serbuvet



É vital fazer quarentena, separando fisicamente os animais que comprou do restante efetivo durante algumas semanas

recentemente a entrada da Doença Hemorrágica Epi-zoótica teve sérias consequências diretas, com mortalidade, quebras de produção e abortos, mas também indiretas porque afetou a exportação de bovinos para o Médio Oriente.

A **nível regional** poderão existir esforços para controlar certas doenças, facilmente ilustrado por exemplo com as ilhas Açorianas, mas também podendo acontecer a nível continental.

Finalmente, o nível que mais diz respeito aos produtores, é o seu efetivo pecuário. Cada produtor é responsável por manter o seu efetivo, tanto quanto possível, livre de doenças.

Apresentam-se seguidamente 10 práticas de biossegurança que permitem reduzir a entrada de agentes infecciosos nos efetivos e com isso evitar perdas económicas, produtivas e de bem-estar animal.

1. Evitar a entrada de espécies silváticas na exploração

Tanto javalis como veados têm o potencial de transmitir várias doenças infecciosas, incluindo brucelose e tuberculose. Apesar de existirem há décadas planos de erradicação destas doenças, cada produtor deve tentar, tanto quanto possível, o controlo da entrada destas espécies silváticas nas suas herdades. Havendo interesse cinegético turístico ou não, deve evitar-se que javalis e veados, consigam partilhar áreas de abeberamento e alimentação com bovinos. A melhoria das cercas e o controlo das populações poderão minorar um problema que sabemos ser de difícil controlo.

2. Conhecer o estatuto do efetivo onde vamos comprar animais

A compra de animais em efetivos aleitantes é frequente, seja pela compra de touros reprodutores, seja pela compra de novilhas para expansão do efetivo, ou de outros animais quando um efetivo muda de detentor pelo encerramento da atividade de um determinado produtor. É importante testar os animais para algumas doenças para evitar potenciais impactos negativos. O médico-veterinário assistente poderá aconselhar acerca do melhor protocolo de testagem para tornar a compra de animais tão segura quanto possível. Doenças como a diarreia vírica bovina (BVD) e a rinotraqueite infecciosa bovina (IBR) são por norma incluídas no plano de testagem, mas muitas outras doenças poderão ser incluídas incluindo leptospirose, besnoitiose, febre Q ou neosporose.

3. Conhecer o estatuto do nosso efetivo quanto a doenças infecciosas

Apesar de aparentemente não ser importante para evitar a entrada de novas doenças no nosso efetivo, é impor-

tante proteger os animais que vamos adquirir contra a doença clínica, que pode surgir por esses animais potencialmente não terem imunidade contra um agente infeccioso que existe no nosso efetivo. Não nos devemos esquecer também da importação de animais de latitudes mais frias, em que os animais adquiridos poderão vir sem imunidade contra hemoparasitoses, maioritariamente transmitidas por carraças. Em Portugal, as infestações por estes hemoparasitas são muitas vezes subclínicas pela existência de imunidade contra os agentes causais, mas em animais adquiridos em climas mais frios, a doença clínica poderá surgir e ter consequências fatais.

4. Realizar quarentena após a compra

Decidida a compra de animais e realizado um plano de testagem, é importante que os animais adquiridos tenham uma receção meritória do investimento realizado. A separação física dos animais adquiridos do restante efetivo durante algumas semanas, deve permitir que os animais sejam desparasitados, vacinados (vacina e *rappel* de acordo com as indicações do fabricante da vacina), e que haja tempo para a manifestação de quaisquer sinais clínicos de doença, que possam surgir por os animais adquiridos terem uma quebra imunitária (natural após o transporte e mudança de ambiente).

5. Evitar a introdução de chorume ou estrume de outra exploração

Numa tentativa de aumentar a quantidade de matéria orgânica e de azoto no solo, é frequentemente realizada a aquisição de chorume ou de estrume noutras explorações pecuárias. O risco de transmissão existe dentro de explorações da mesma espécie, mas também com explorações de outras espécies. São exemplo disso o chorume de suiniculturas, que pode veicular o agente da leptospirose, ou o estrume de avicultura, que pode levar ao botulismo, provocado pelo agente *Clostridium botulinum*, que não faz parte das vacinas disponibilizadas comercialmente em Portugal contra as clostridioses.

6. Ter equipamento próprio da exploração para visitantes

Os visitantes ao efetivo animal, sobretudo os que profissionalmente passam por muitos efetivos, como médicos-veterinários, consultores ou negociantes de gado, devem idealmente ter equipamento dedicado na exploração. Caso isso não aconteça, devem existir proteções de calçado e vestuário para evitar o contacto potencial com material biológico de outras explorações.

Em alternativa, o equipamento de proteção como botas, deve ser de borracha para ser lavado e desinfetado entre efetivos.

7. Controlar pragas

Os roedores podem transmitir leptospi-





As botas dos médicos-veterinários, e outros visitantes, devem ser de borracha para serem lavadas e desinfetado entre efetivos

rose e as aves, podem transmitir salmonelose, entre outras doenças. O controlo das pragas deve ser feito tanto quanto possível, evitando o acesso destes animais a zonas de armazenamento alimentar.

8. Limitar a entrada de veículos

Os veículos de recolha de cadáveres, ou os veículos que levam novilhos ou vacas de refugo vendidos, devem ter acesso limitado aos locais onde estão os restantes animais. Estes veículos passam por diversos efetivos e terão muitas vezes material biológico potencialmente infeccioso a bordo, devendo limitar-se o seu acesso a uma zona da exploração por onde não passem os animais do efetivo.

9. Outros produtos biológicos

Apesar de não ser frequente, é possível que haja entrada de material biológico no efetivo, proveniente de outra exploração. É o caso por exemplo de colostro que se foi buscar a um efetivo leiteiro vizinho por a mãe de determinado animal ter morrido. Apesar de o colostro salvar a vida do recém-nascido, pode também trazer consigo agentes infecciosos que entrem por essa via no efetivo, como a paratuberculose. Também aqui é importante conhecer o estatuto da exploração de origem desse material biológico.

10. Manter práticas de biocontenção

Como mencionado acima, a biocontenção é o conjunto de práticas de manejo que reduzem a transmissão de doenças infecciosas no efetivo. Aqui não se trata necessariamente de separar animais doentes do restante efetivo saudável, até porque com frequência, mesmo os animais saudáveis poderão ser portadores e estar a excretar os agentes infecciosos. Devemos assumir que essa excreção está a acontecer e tomar medidas para evitar que seja consequente. É o caso por exemplo da diarreia neonatal – são boas medidas de biocontenção a vacinação das mães contra a diarreia neonatal e a movimentação dos animais para uma nova área de partos, quando cerca de metade do efetivo já tiver parido, para evitar uma carga infecciosa no solo muito elevada.

É conveniente fazer uma discussão e reflexão sobre biossegurança. É recomendável tomar medidas de controlo de espécies silváticas para manter tuberculose e brucelose fora da exploração, mas também ter um plano de testagem e de receção sempre que se pretende adquirir animais para o nosso efetivo.

Finalmente, devemos exercer medidas de biocontenção no dia-a-dia dos nossos efetivos, assumindo que mesmo os animais saudáveis poderão estar a excretar os agentes infecciosos.



25 machos reprodutores em Leilão subvencionado para associados APORMOR

No dia 31 de agosto decorreu na APORMOR Arena o XIII Leilão de Machos Reprodutores, com 25 animais apresentados.

Os associados da APORMOR beneficiaram de subvenções para apoiar a compra destes machos: 1300€, 1100€ e 900€, consoante as categorias dos animais das raças Limousine e Charolês; e 1100€ para os animais da raça Aberdeen Angus. A associação lançou esta medida

de apoio há 13 anos para incentivar a melhoria genética dos efetivos dos seus associados.

“Salienta-se a boa qualidade da grande maioria dos animais a leilão e o número significativo, apesar da enorme baixa dos efetivos, que se deveu à seca e à falta de apoios do PEPAC, desde 2023, ao setor da pecuária extensiva”, afirma Joaquim Capoulas, Presidente da APORMOR.



Touro de Raça Limousine



Touro de Raça Charolês



Touro de Raça Aberdeen Red Angus



Leilão de Novilhas

Limousine – a raça do ano na EXPOMOR 2024

Joaquim Carvalho, presidente da Associação de Criadores Limousine (ACL), garante que os produtores da raça são cada vez mais exigentes com a genética e a sanidade dos animais e alerta “quanto mais eficientes formos, mais benéficos para o meio ambiente seremos”.

Quantos animais participaram no IV Open de Machos Limousine, realizado na EXPOMOR? E ao leilão de machos reprodutores?

Joaquim Carvalho: O IV Open de Machos Limousine contou com 35 animais, de 14 criadores. Temos grande exigência com a qualidade genética e a docilidade dos animais a concurso. Queremos mostrar o melhor da raça em Portugal, tanto nos concursos como nos leilões de reprodutores. O leilão da APORMOR é subvencionado para os sócios, que têm vitelos com um nível genético cada vez melhor. Apresentámos 9 animais ao leilão, todos testados e negativos às patologias IBR, BVD, besnoitiose e paratuberculose, para além de outras de testagem obrigatória.

Como tem evoluído o efetivo bovino Limousine em Portugal?

Os últimos dois anos foram de redução do efetivo bovino de forma geral. Os criadores filtraram mais, ficaram com os animais muito bons e reduziram nos animais que não eram tão eficientes. Atualmente, há 12 000 a 13 000 fêmeas de raça pura Limousine em todo o país, 7000 das quais controladas trimestralmente pelos nossos técnicos.

Quais são as regiões com maior crescimento no efetivo?

Montemor-o-Novo é a região por excelência para a bovinocultura, mas no Alto Alentejo e nas Beiras o efetivo da raça Limousine também tem crescido.

Os agricultores precisam de mais apoios ao financiamento do melhoramento animal. Se fizermos mais melhoramento no nosso país, e estamos a fazê-lo com rigor e profissionalismo, não teremos tanta necessidade de ir comprar animais a França e a Espanha. E os apoios devem ser dados à produtividade (ao número animais produzidos na exploração ou ao número de kg produzidos e não ao hectare ou à cabeça) e à adoção de tecnologias, como a análise genómica, para sermos mais eficientes em menos tempo.

Quais são as vantagens da análise genómica?

Ao nascimento do animal é colocado o brinco e é retirada uma amostra da cartilagem da orelha. Na ACL conservamos esse tecido, numa cápsula que é congelada, de todos os animais que nascem em linha pura. A qualquer momento podemos enviar a amostra para laboratório,



“Saúde, genética e maneio reprodutivo são pilares fundamentais, se um deles cair, a casa cai”, afirma o presidente da ACL, Joaquim Carvalho (ao centro)



O campeão do concurso foi o macho ULYSSES do criador Cheiro do Monte, Unipessoal, Lda.

são analisados 15 parâmetros, e ficamos a saber como vai ser aquele animal em adulto, bem como a sua descendência.

Por exemplo, se a análise a uma fêmea determinar que terá pouca produção de leite para os seus filhos, escuso de investir até aos dois ou três anos de vida do animal, estou a ganhar dois anos de trabalho. A análise genómica não é infalível, mas a probabilidade de os dados baterem certo é elevada.

Voltando à questão dos apoios ao melhoramento. Porquê é importante?

Não temos sido elegíveis para apoio à construção de centros de melhoramento e testagem animal, porque a Limousine não é uma raça autóctone, apesar de existir em Portugal há mais de 100 anos. Porém, durante 3 anos fizemos testagem nas instalações da Associação de Criadores de Bovinos Mertolengos e conseguimos ver diferenças abismais entre animais de diferentes criadores, conseguimos saber quais são as linhas genéticas que nos interessam em termos de produtividade. Este tipo de melhoramento é um fomento à pecuária. Interessa-nos maior eficiência, quanto mais eficientes formos mais benéficos para o meio ambiente seremos. Precisamos de aumentar a produção animal em todo o país. A resposta é simples: a pecuária fixa pessoas no território e ajuda a prevenir os incêndios.

Quais são as suas preocupações no que respeita à sanidade como barreira à venda de animais vivos nos mercados externos?

Quando se fecham os mercados por questões sanitárias é uma preocupação para os produtores porque há menos procura e o preço desce. É inegável que o mercado da exportação permitiu uma valorização dos animais, mas exige mais qualidade genética e sanidade.

«A pecuária fixa pessoas no território e ajuda a prevenir os incêndios»

O problema é quando surge uma doença como a febre hemorrágica que levou ao encerramento dos mercados externos e até internamente se fechou o arquipélago dos Açores.

O despiste das doenças não é importante apenas no imediato, para o vitelo, mas também o é para a eficiência da exploração. Para ter um intervalo de 360 ou 390 dias entre partos preciso de ter animais saudáveis, sem isso não sou eficiente na minha exploração. Saúde, genética e maneio reprodutivo são pilares fundamentais, se um deles cair, a casa cai. A qualidade da carne começa no ventre da mãe do novilho que chega ao nosso prato.

Quais são as prioridades da atividade da Associação de Criadores Limousine?

Defender a raça Limousine e os nossos associados para que sejam cada vez mais profissionais e competitivos no mercado. Fazemos um trabalho contínuo de acompanhamento das explorações e participamos em concursos por todo o país. Temos uma proximidade muito grande com França e Espanha e somos membros da Federação Europeia EUROLIM, tentamos uniformizar as regras de seleção com as desses países. Os nossos técnicos fazem formação anual em França e há intercâmbio também com Espanha. Tudo isto tem uma logística pesada, mas nota-se o retorno, a evolução dos animais tem sido extraordinária e os produtores são cada vez mais exigentes, procuram mais rigor e mais tecnologia.





Criadores e juizes que participaram no VIII Concurso Nacional de Bovinos da Raça Salers na EXPOMOR

«A Salers é uma raça com muito potencial»

Lúcio Madureira, presidente da Associação Portuguesa de Criadores de Bovinos Salers, no final do seu primeiro mandato, fala do trabalho coeso e assertivo da Direção na promoção da raça.

Que balanço faz da participação na EXPOMOR 2024?

Faço um balanço muito positivo da participação na EXPOMOR. No VIII Concurso Nacional de Bovinos da Raça Salers tivemos 96 animais de excelente qualidade, reconhecida pelos dois juizes franceses, nomeadamente Victor Fournet, membro de uma família muito conhecida em França, com prestígio na criação de bovinos Salers e muitos palmarés.

Estou satisfeito pelo trabalho digno que temos feito nos últimos três anos na Direção da associação, valorizando a raça em Portugal, cumprimos os objetivos a que nos propusemos, somos uma equipa muito coesa.

Quais são as estratégias de futuro para alavancar a raça bovina Salers em Portugal?

O nosso objetivo é ter mais associados e crescer no número de animais, promovendo, dando a conhecer a qualidade e o potencial da raça, nomeadamente em eventos como a Feira da Luz-EXPOMOR, que é de longe a melhor feira no setor bovino em Portugal. Temos feito um plano de melhoramento extraordinário, que se nota na qualidade dos animais.

Qual é o efetivo atual da raça Salers em Portugal?

Há 1200 a 1300 vacas adultas Salers em linha pura, há

criadores desde Pinhel, no concelho de Vilar Formoso, até Ourique. A maior concentração de animais está em Montemor-o-Novo e em Portalegre.

Considerando a dupla aptidão dos bovinos Salers, para carne e leite, como vê o futuro da raça em Portugal?

É uma raça com muito potencial, em crescimento em Portugal, devemos continuar a apostar na sua promoção. Lamento que as raças não autóctones sejam penalizadas a nível de ajudas públicas, só receberemos 60% comparativamente às raças autóctones.



Participaram 96 animais de excelente qualidade no concurso

Herdade de Santana ganha 13 prémios no concurso da raça Salers

A Herdade de Santana, localizada em Bencatel, Vila Viçosa, destacou-se ao conquistar 13 prémios no VIII Concurso Nacional de Bovinos da Raça Salers, na EXPOMOR.

Entre os prémios arrecadados, a Herdade, pertencente à criadora alemã Beate Schuler, foi distinguida com o galardão de “Melhor Macho de Todo o Concurso” e o título de “Melhor Criador da Raça Salers”.



Bovinos da raça Salers na Herdade de Santana (Crédito foto: Rádio Campanário)

Anabela Silva, e o marido, estão há oito anos encarregues de gerir os mais de 100 bovinos Salers em linha pura que constituem o efetivo desta exploração. “No ano passado a Herdade aderiu à Associação Portuguesa de Criadores de Bovinos Salers, participamos no concurso da raça e ganhámos três segundos prémios, este ano foram 13 os prémios que ganhámos. É um ótimo incentivo ao nosso trabalho, uma recompensa pelo nosso amor e dedicação à raça”, explica a responsável.

O foco do trabalho da Herdade de Santana é a melhoria genética dos animais, para apurar as características da raça, para tal a exploração adquiriu dois touros em França e também pretende, futuramente, fazer inseminação artificial nas vacas.

“As fêmeas são muito leiteiras, dóceis, com facilidade de parto, o maneio é fantástico. É uma raça extraordinária, só precisa é de maior divulgação”, reconhece Anabela Silva.



Anabela Silva da Herdade de Santana recebe o prémio de Melhor Macho do Concurso entregue pelo Dr. Jaime Carvalheira, veterinário, criador de Salers e membro da Direção da APORMOR



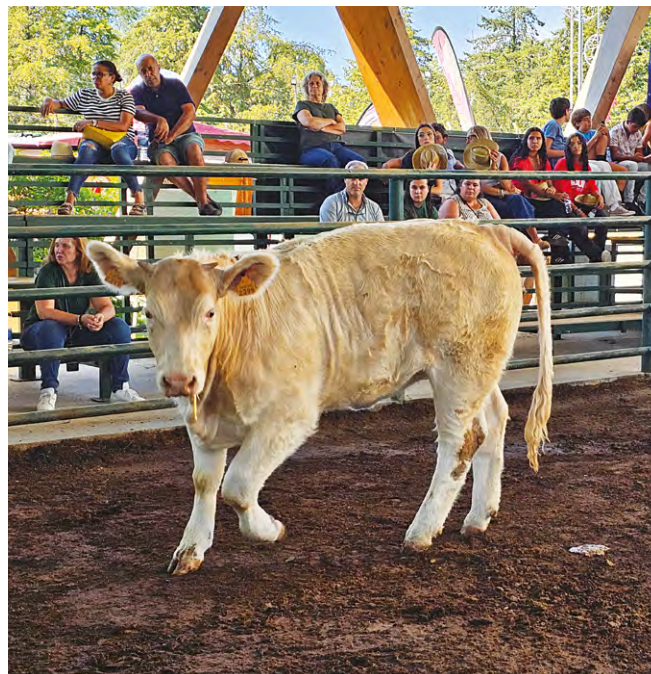
A Herdade de Santana arrecadou o prémio de Melhor Criador Salers, entregue pelo presidente da APCBS.

XIX Concurso Morfológico Geral da Raça Charolesa

No passado dia 30 de agosto decorreu, no Parque de Leilões da APORMOR em Montemor-o-Novo, o XIX Concurso Morfológico Geral da Raça Charolesa, organizado pela Associação Portuguesa da Raça Charolesa. Estiveram presentes a concurso 66 animais, pertencentes a 11 criadores, tendo sido avaliados pelo juiz Vincent Laperdry.



José Sampaio, responsável pelos leilões APORMOR, entrega o prémio a António Alfacinha, do Monte do Zambujal, na categoria bezeros



Um dos 66 animais a concurso

NUNO MELO, MINISTRO DA DEFESA NACIONAL, VISITOU A EXPOMOR



Cerca de 1000 animais estiveram em exposição na EXPOMOR



O Rugby Clube Montemor Lounge animou os fins de tarde e noites da EXPOMOR



Produção de Porco Alentejano está em quebra

Há cada vez menos Porco Alentejano no Montado português

A 16ª edição das Conversas de Montanheira, organizada pela ANCPA – Associação Nacional de Criadores de Porco Alentejano, realizou-se no dia 30 de agosto, na EXPOMOR.

O efetivo de Porco Alentejano está a diminuir. Em 2023, nasceram apenas 11 mil animais nas explorações dos associados da ANCPA e estima-se que na próxima campanha de montanheira sejam ainda menos. Muitos criadores estão a abandonar o negócio devido ao aumento dos custos de produção, à falta de mão-de-obra e ao declínio do Montado. O diagnóstico foi feito na 16ª edição das Conversas de Montanheira.

O número de animais certificados para a produção de Presunto/Paleta de Santana da Serra IGP (500) e Presunto/Paleta do Alentejo DOP (200) diminuiu para um total de apenas 700, na campanha de montanheira 2023/24, revelou a entidade certificadora Agricert.

Isto acontece porque o consumidor não valoriza os produtos qualificados e, muitas vezes, não os distingue de

outros não qualificados. Neste contexto, será necessário investir em mais e melhor informação e aumentar os apoios públicos aos produtores desta raça suína.

Cerca de 95% do Porco Alentejano é vendido para indústrias espanholas, que transformam a carne e ficam com a mais-valia deste produto genuíno português, em virtude das poucas indústrias transformadoras em Portugal.

Antonio Baena Blazquez, empresário e consultor especialista em Cerdo Ibérico, alertou que está a ocorrer uma concentração na indústria de transformação de carne de suíno em Espanha, dois grandes grupos já conquistaram metade do mercado do Cerdo Ibérico. *“Para reagir de forma eficiente os produtores também devem unir-se e ganhar escala”*, defendeu.



XIII Concurso Nacional de Presunto, organizado pela ANCPA, na EXPOMOR



Um dos vários painéis de debate da 16ª edição das Conversas de Montanheira



O custo médio das pastagens biodiversas ricas em leguminosas, com as misturas da Fertiprado, é de 70 a 80€/hectare/ano. A vida útil é de cerca de 10 anos

Seminário Fertiprado 'Regenerativos somos nós'

A Fertiprado organizou o seminário 'Regenerativos somos nós', no dia 30 de agosto, na EXPOMOR, dando a conhecer os benefícios dos prados e pastagens à base de misturas biodiversas ricas em leguminosas para o agricultor e o meio ambiente.

As misturas biodiversas ricas em leguminosas, utilizadas em prados, pastagens e nas entrelinhas ou margens das culturas permanentes, fomentam a biodiversidade do ecossistema e fixam carbono no solo. José Freire, responsável comercial da Fertiprado, explicou que estas misturas são responsáveis por maior produção de biomassa, mais fotossíntese, mais matéria orgânica e mais fertilidade do solo.

"Com as misturas biodiversas ricas em leguminosas criamos uma verdadeira economia circular e de km zero no ecossistema erva-ruminante", garantiu, explicando que elas ajudam a fixar 75 a 120 unidades de azoto/hectare/ano, reduzindo a necessidade de aplicação de adubos químicos de síntese. Por outro lado, por via do aumento do teor de matéria orgânica há mais água retida no solo, menos erosão e melhor performance dos aquíferos.

Os produtores pecuários que têm pastagens à base destas misturas de espécies desenvolvidas pela Fertiprado são mais autossuficientes na alimentação do gado, poupam nos gastos com a compra de concentrados e redu-

zem a pegada de carbono da exploração.

O meio ambiente beneficia, atendendo a que 1% de aumento de matéria orgânica no solo representa 56 toneladas de CO₂e capturado da atmosfera, garante José Freire.

Três produtores testemunham os benefícios das misturas



"Com as misturas biodiversas ricas em leguminosas criamos uma verdadeira economia circular de km zero", afirma José Freire, responsável comercial da Fertiprado



Mesa-redonda no seminário com testemunhos de clientes da Fertiprado

biodiversas ricas em leguminosas. A Herdade dos Ruivos utiliza-as há 15 anos e garante que tem vindo a aumentar substancialmente o encabeçamento, utilizando menos concentrado, o gado alimenta-se todo o ano da pastagem e só come alimento à mão de meados de novembro a meados de dezembro. Solos melhorados e maior independência alimentar são as vantagens reconhecidas por esta exploração que cria bovinos e suínos.

A Herdade das Silveiras, em Montemor-o-Novo, garante que aumentou em 30% a capacidade produtiva da exploração (1 vaca/2 hectares): “passamos a fazer feno

silagem e a ter forragens para dar ao gado todo o ano. O custo diário na alimentação baixou de 3€ para 2,10€/novilha”. A margem do negócio da Herdade das Silveiras aumentou com a introdução das misturas biodiversas ricas em leguminosas.

A Tapada de Coelhoiros, em Igrejinha, usa as misturas biodiversas da Fertiprado para fazer feno silagem que alimenta as ovelhas e nas vinhas utiliza-as como coberto vegetal para equilibrar os solos e criar um ecossistema biodiverso rico em insetos auxiliares que ajudam a controlar as pragas (ver entrevista nas páginas seguintes).

E-AGRONOM AJUDA AGRICULTORES A GERAR E VENDER CRÉDITOS DE CARBONO

A e-Agronom, empresa da Estónia, propõe um serviço consultoria para geração de créditos de carbono e intermediação na sua venda no mercado voluntário, através da empresa South Pole. O agricultor recebe em função das toneladas de carbono sequestradas no solo por hectare/ano (1 crédito de carbono = 1 tonelada de CO₂e).

“Quando o agricultor assina o contrato conosco tem a garantia de que o preço nunca estará abaixo de 30€/ t CO₂e/hectare/ano. E neste momento, há uma tendência em alta, há empresas a oferecer 60 euros no mercado voluntário de futuros de créditos de carbono”, explica José Mantas, responsável da e-Agronom



José Mantas, responsável da e-Agronom em Portugal

nom em Portugal.

A e-Agronom cobra uma taxa de 28% ao agricultor por este serviço, mediante um contrato a 10 anos, com um mínimo de 5 anos de fidelização, baseado na metodologia VERRA, o standard para programas de crédito de gases de efeito estufa (GEE) mais utilizado no mundo.

Os agricultores são aconselhados a implementar práticas de agricultura de conservação (mobilização mínima do solo, sementeira de cobertos vegetais em terras aráveis) e poderão sequestrar 0 a 1,2 toneladas de CO₂e/hectare/ano (sem culturas de cobertura em rotação) e 1,5 a 2 toneladas de CO₂e/hectare/ano (com culturas de cobertura), segundo as estimativas da e-Agronom.

“Temos um algoritmo que faz a estimativa do CO₂e sequestrado no solo, recolhemos amostras quando o agricultor entra no programa e ao quinto ano e da diferença de teor de matéria orgânica entre o quinto e o primeiro fazemos uma correção do programa”,

A e-Agronom tem contratos para créditos de carbono em 1 milhão de hectares em 15 países europeus, dos quais 20 mil hectares em Espanha (em cereais, girasol e olival). Em Portugal, começou pelos Açores e tem um acordo de parceria com a Fertiprado.



«O meu maior orgulho é ter 54 pessoas a trabalhar na Fertiprado»

David Crespo revolucionou o mundo das pastagens e forragens ao criar a Fertiprado, em 1990. A sua visão para a agricultura sustentável assenta em dois pilares: dar vida ao solo e utilizar o mínimo de energia.

O fundador da Fertiprado, David Crespo, é um homem com mundo. Deu três voltas ao globo, esteve 10 vezes na Austrália e foi lá onde primeiro bebeu a sua filosofia, em 1965, numa viagem de três meses, no âmbito de uma Bolsa da Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

“Aprendi com os australianos que as leguminosas têm de estar sempre presentes nas pastagens porque elas têm a capacidade de fixar azoto, de aumentar o nível de fertilidade do solo, através da matéria orgânica, do azoto e dos nutrientes”, recorda David Crespo, numa breve entrevista realizada durante a EXPOMOR.

Seria, porém, a FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, onde trabalhou durante

nove anos na área das pastagens e forragens, a alavanca para a criação da Fertiprado, em 1990.

“Na FAO participei em projetos desde a América Central e do Sul, à África Ocidental, ao Norte de África e nalguns países da Ásia, e comecei a perceber que conseguiríamos resolver o problema das pastagens, que em todo o mundo eram feitas só com uma ou duas espécies, através das misturas biodiversas ricas em leguminosas. Como não encontrei nenhuma empresa que me fornecesse a solução, decidi criar a Fertiprado”, recorda o fundador da empresa sediada em Vaiamonte, que é obtentora de variedades para misturas biodiversas enriquecidas com leguminosas para pastagens, forragens, revestimento de solos e coberturas funcionais.

Dar vida ao solo, promovendo a biodiversidade de microrganismos benéficos, é uma das chaves para o sucesso da agricultura intensiva sustentável. David Crespo exemplifica: “os nossos solos no tempo da campanha do trigo deixaram de produzir porque os mataram, devido às mobilizações sucessivas os micróbios desaparecem. A Fertiprado sempre utilizou rizóbio para potenciar a fixação de azoto e atualmente já tem uma linha de micróbios promotores de crescimento das plantas”.

O outro pilar da agricultura intensiva sustentável é “utilizar o mínimo de energia. É essa a filosofia da Fertiprado, recomendamos a sementeira direta ou com mobilização mínima do solo, há uma economia fantástica em aplicação de azoto e em gastos com combustível”.

Três décadas após ter fundado a Fertiprado, David Crespo, garante: “o meu maior orgulho é ter 54 pessoas a trabalhar na Fertiprado em Portugal, Espanha, Itália e no Uruguai”.



David Crespo, fundador da Fertiprado, formou-se em Engenharia Agrónómica em 1956 e é oriundo da região da Bairrada

AS LEGUMINOSAS “SUICIDAM-SE”

David Crespo considera as leguminosas “plantas fantásticas, trabalham para elas, mas também deixam para os outros comerem” e revela que quando há excesso de azoto no solo, podem “suicidar-se”. “É por isso que nós fazemos sempre misturas de leguminosas com espécies consumidoras de azoto”, revela.

«Trabalhamos com a natureza para obter produtos de excelência»



A Tapada de Coelhoeiros produz vinho, carne de borrego, nozes, azeite e mel num ecossistema agro silvo pastoril de 600 hectares integralmente certificado em Modo de Produção Biológico.

Há oito anos o rumo da Tapada de Coelhoeiros começou a mudar quando o investidor brasileiro Alberto Weisser comprou a herdade e aplicou a sua visão internacional ao negócio.

“O objetivo do Alberto é fazermos produtos de excelência, trabalhando com a natureza, mas medindo os rácios de cada atividade para que cada uma possa pagar-se e gerar retorno”, explica João Raposeira, gestor agrícola na Tapada de Coelhoeiros, localizada em Igrejinha, no concelho de Arraiolos.



João Raposeira, gestor agrícola na Tapada de Coelhoeiros

A Tapada produz 130 mil garrafas de vinho por ano com preços entre 11€ e 30€/garrafa, ou acima deste valor, no caso dos vinhos monocasta e edição limitada. O enoturismo cresce, potenciado pela envolvente biodiversa da herdade, com o montado de sobre omnipresente, o frondoso nogueiral biológico, a produção de mel e de azeite, em pequena escala, e as 1200 ovelhas que prestam um enorme serviço ao ecossistema.

“Nós temos cercas elétricas e em determinadas parcelas, por exemplo, de vinhos brancos, queremos potenciar compostos fenólicos, ter mostos ricos, então colocamos as ovelhas aí a pastar durante uns dias para melhorar a vida microbiana do solo, ao mesmo tempo que poupamos dinheiro na alimentação dos animais, fechamos o ciclo”, explica João Raposeira.

Este conceito de pastoreio holístico, aliado aos prados permanentes biodiversos ricos em leguminosas, e ao manejo dos animais focado na eficiência produtiva tem dado bons resultados.

“Temos ovelhas férteis, a prolificidade a subir imenso e cada vez mais a tender para uma média de 1,5 a 1,6 borregos por ovelha”, revela, explicando: “fazemos núcleos de 300 ovelhas, colocamos os machos e vamos fazendo ecografias para perceber se estão cobertas, as que são inférteis dois anos consecutivos vão fora”.

João Raposeira reconhece as vantagens dos prados permanentes biodiversos: “têm o seu custo, mas é amortizado muito rapidamente, porque fertilizam, criam massa vegetativa, que nos permite ter mais carga animal, e maior diversidade florística para atrair insetos auxiliares que ajudam a mitigar as pragas na vinha e no montado”.



«Em Portugal temos a melhor carne de ovino do mundo»

Este ano, a Pasto Alentejano prevê transformar e vender carne de 460 mil borregos, mais 60 mil do que em 2023. A empresa de Sousel atribui o crescimento do negócio à sua especialização no acabamento e transformação da melhor carne de ovino do mundo: a portuguesa.

O acesso aos mercados de exportação é o motivo do crescimento da Pasto Alentejano?

Tiago Serralheiro: O mercado da exportação alavancou bastante o setor dos ovinos e o nosso negócio. Apanhámos esse comboio e, por isso, temos este crescimento significativo nos últimos anos em todos os mercados, vendemos carne de ovino para toda a Europa, de Este a Oeste, para a região do Médio Oriente (Emirados Árabes Unidos, Qatar, Bahrein, Kuwait, Israel, Palestina) e muito mais em Portugal do que há 10 anos, porque conseguimos especializar-nos com condições de acabamento e industriais muito focadas no ovino.

Em Portugal temos a sorte de ter a melhor carne de ovino do mundo. Temos um animal muito jovem, que está o tempo ideal no pasto com as progenitoras, e se fizermos um bom trabalho de acabamento nas explorações para colocar a carne no ponto ideal, com bem-estar animal, e tivermos uma boa transformação, com os tempos de abate e de frio corretos, temos sucesso. Não há nenhum mercado onde tenhamos entrado que o nosso produto não seja considerado gourmet.



“Compramos borregos nos Leilões da APORMOR, corre tudo na perfeição e a compra online é uma mais-valia”, afirma Tiago Serralheiro, membro da direção da Pasto Alentejano

A carne de borrego nacional vale mais no mercado internacional do que a carne de outras origens?

Os custos de produção em Portugal são mais elevados do que no Reino Unido, na Irlanda, na Austrália ou na Nova Zelândia, mas oferecemos um produto diferente, de maior qualidade. Temos de ser competitivos a nível de preço, porque estamos ainda numa fase de dar a conhecer o nosso produto. Há cinco anos ninguém conhecia o Borrego de Portugal, mas atualmente, já são os clientes que nos procuram.

Portugal produz o suficiente para ser competitivo no mercado internacional?

Não temos qualquer hipótese de entrar o mercado pela quantidade. Competimos com Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Mongólia, são países com superproduções. Talvez tenhamos 3 milhões de ovelhas em Portugal. Até a Extremadura, aqui ao lado, tem mais ovelhas do que Portugal. Dada a nossa pequena dimensão à escala global, é muito importante que nos consigamos destacar pela qualidade. Estamos neste caminho há quatro anos e sem dúvida que estão a começar a surgir os resultados. Como é óbvio nenhum cliente vem a Portugal comprar só um contentor de carne, 20 toneladas ou 1000 borregos. Temos de nos destacar pela qualidade, mas temos de ter muita dimensão. E isso antes não acontecia em Portugal, não tínhamos dimensão nem organização, mas ao dia de hoje já a temos.

A venda de carne de ovino é preferível à exportação de animais vivos?

Nos últimos anos a exportação de ovinos vivos diminuiu e a exportação de carne aumentou. Há cada vez mais pressão a nível europeu, é cada vez mais caro exportar animais vivos, mas também porque ao exportar a carne, a mais-valia da indústria fica em Portugal. Nós, na Pasto Alentejano empregamos perto de 200 pessoas, em Sousel, o que só é possível porque fazemos abate, transformação e embalamento da carne. E dá-nos a oportunidade de planear o negócio a mais longo prazo, a 10, 15 ou 20 anos, porque temos muito mais segurança no investimento.

«O Novo Banco apoia o setor agrícola»

Luís Bile, diretor regional do Novo Banco no Alentejo, participou na EXPOMOR e garantiu que o Banco quer estar cada vez mais perto dos produtores agropecuários e tem uma oferta de soluções muito concorrencial para o setor agrícola.

O que motiva o Novo Banco a patrocinar a EXPOMOR?

Há muito tempo que o Novo Banco apoia o setor agrícola, estamos presentes na Feira Nacional de Agricultura, na Ovibeja e este é o segundo ano que participamos e apoiamos a EXPOMOR. Queremos estar cada vez mais perto do produtor, de quem gera riqueza para o país. O setor primário tem aportado uma grande mais-valia em termos de receita e de rendimento para o país. Temos muitos clientes neste setor, queremos conhecer as suas realidades e oferecer soluções.

Como vê o atual momento do setor agrícola no Alentejo em termos de investimento?

Aquilo que se nota é um know-how cada vez maior do empresário agrícola. O Alqueva veio transformar a agricultura no Baixo Alentejo, a futura Barragem do Pisão vai transformar certamente a agricultura no Alto Alentejo, mas o sequeiro continua a ter um papel fundamental, a produção bovina é muito importante para a economia. Este é um momento de grande investimento, passou a ser sexy ser agricultor. É verdade que nos últimos anos o apoio do Estado ao setor não foi o ideal, esperemos que estejamos num ciclo de mudança. Nós no Novo Banco queremos estar muito perto desta dinâmica de investimento com retorno.

Que soluções tem o Novo Banco para a Agricultura?

Temos todo o tipo de soluções para o setor agrícola, desde apoio ao investimento para projetos agrícolas, créditos de campanha, linhas de financiamento para aquisição de terrenos, entre outras. É importante estarmos prepa-

rados para apoiar também quem arrenda terra; antecipar receitas em caso de eventos climáticos que danifiquem as colheitas. Temos um departamento de marketing que acompanha muito bem esta área e nos vai dando todos os inputs necessários, atualizando o leque de soluções que temos para os agricultores.

Prevê que as taxas de juro baixem no curto prazo?

As taxas de juro não vão voltar aos patamares recentes, de juro negativo, vão estabilizar, mantendo-se em níveis acessíveis a todos os agricultores. O Banco ajusta o preço dos financiamentos ao risco do cliente. Temos uma oferta muito concorrencial. É uma boa altura para fazer investimento, a taxa de juro tem tendência a baixar. Esperemos que não ocorra nada internacionalmente que pressione a subida das taxas.



Luís Bile, diretor regional do Novo Banco no Alentejo

«As taxas de juro não vão voltar aos patamares recentes, de juro negativo»





Pavilhão de Ovinos

EXPOMOR foi palco de cinco concursos de ovinos

As principais raças de ovinos escolhem a EXPOMOR para realizar os seus concursos nacionais e este ano não foi exceção, decorreram o XXXVIII Concurso da Raça Ovina Merino Precoce, o XII Concurso Geral de Jovens Reprodutores da Raça Ovina P3, o XI Concurso Nacional de Jovens Reprodutores da Raça Ovina Île de France, o VI

Concurso Morfológico de Ovinos da Raça Merino Alemão e o VI Concurso Nacional de Ovinos da Raça Suffolk. Nos Pavilhão dos Ovinos e nos espaços exteriores da EXPOMOR as associações de criadores mostraram diversas raças de ovinos e caprinos, um motivo de atração para os visitantes da feira.



Concurso da Raça Ovina P3



Caprinos em exposição



Concurso da Raça Ovina Suffolk



Ovinos Suffolk